

O **Informativo Mensal de Conjuntura** faz parte das publicações e análises efetuadas pela equipe técnica do Boletim *Economia & Tecnologia* publicado trimestralmente. O Informativo apresenta uma análise rápida dos principais indicadores conjunturais da economia brasileira, com dados atualizados até o mês anterior à publicação e é disponibilizado aos leitores interessados entre os dias 15 e 20 de cada mês. O **download** gratuito pode ser feito no site www.economiaetecnologia.ufpr.br.

POLÍTICA MONETÁRIA E INFLAÇÃO

A próxima reunião do comitê de política monetária, de acordo com o que foi estabelecido no art. 6º do Regulamento Anexo à Circular nº 3.297, de 31 de outubro de 2005, está agendada para 31 de agosto e 1º de setembro.

Em 2010, a inflação oficial acumulou 3,1% até julho, tendo nos alimentos - puxados pela alta de *commodities* verificada no início do ano - registrado variação superior em relação aos demais bens.

Alguns analistas de bancos, como o BNP Paribas, avaliam que o Banco Central do Brasil não deve elevar a Selic na reunião de setembro, uma vez que todas as informações de curto prazo indicam estabilidade de indicadores chave da economia.

Segundo declarações do Banco Central do Brasil há uma indicação de que os riscos inflacionários no Brasil caíram desde 2002 e que as expectativas de inflação para o próximo ano, 2011, estão em torno da meta (4,5% a.a.).

Contudo, de acordo com análise do Relatório Focus, junto às instituições financeiras, há uma aposta no mercado de que a taxa básica de juros nacional terá um aumento de 0,25 ponto percentual em setembro e permanecerá estável até o fim do ano. De acordo com a pesquisa Focus, realizada semanalmente pelo Banco Central, a mediana das expectativas do mercado aponta para Selic de 11% anuais em setembro e no encerramento de 2010. Hoje, a Selic está em 10,75% a.a.

As estimativas para 2011 também refletem a menor projeção de ajuste. A expectativa para a Selic no fim de 2011 caiu de 11,63% para 11,5%. Nesse cenário, o mercado espera uma elevação de 0,5 ponto percentual em todo o ano de 2011.

A mediana das expectativas desse relatório para a taxa de câmbio no final deste ano manteve-se em R\$ 1,80 e, para o fim de 2011, em R\$ 1,85. Os analistas esperam que o dólar termine agosto valendo R\$ 1,77.

Após dois meses do nível de preços comportados medidos pelo IPCA, há uma possibilidade de cenário adverso para os meses de setembro e outubro. A trajetória de declínio do CRB (Indicador do *Commodity Research Bureau*), principal índice de preços das *commodities*, da Bolsa de Chicago, nos Estados Unidos, foi interrompida em julho. Com oscilações positivas e negativas (portanto, sem tendência definida, *a priori*), o índice saiu de 281 pontos em janeiro e caiu até 255 pontos em junho, para voltar a subir, encerrar julho com média de 261,6 pontos, e apontar nova alta em agosto.

De acordo com estudos de mercado do BNP Paribas, o peso dos alimentos na inflação dos países latino-americanos é de 71%. No Brasil, o peso é de 45%. Portanto, o aumento dos preços das *commodities* importadas poderiam ter alguma influência positiva sobre o nível de preços ao longo dos próximos meses.

Um exemplo deste fenômeno diz respeito à produção de trigo em nível mundial, produto o qual o Brasil é importador líquido. A escalada de preços no mercado internacional foi provocada pela quebra de safra na Europa e na Rússia, que decretou neste último fim de semana a suspensão das exportações.

O Brasil consome 11 milhões de toneladas de trigo por ano, das quais 6 milhões são importadas, de acordo com o Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria do Paraná (Sipcep).

De acordo com informações do Sipcep, a Rússia, passa por sua pior estiagem em mais de um século e meio. Os preços de um alqueire de trigo ultrapassaram US\$ 7 na semana passada, patamar mais elevado desde setembro de 2008.

Além disso, tanto Rússia quanto Ucrânia, outro importante fornecedor de trigo, restringiram as exportações do cereal. Os preços em alta do trigo pressionam também o milho, seu substituto imediato. Dentro deste cenário, há uma importante fonte de contágio para outros setores, como o pecuário, dependente deste insumo (dentre outros).

Nos últimos 30 dias, diferentes *commodities* agrícolas subiram de preço, de acordo com a análise de mercado, como açúcar (10%), algodão (7%), milho (6%) e café (6%). Esses aumentos refletem na alta do CRB médio de agosto (273) em relação ao patamar médio de 261 de julho.

Apesar destes aumentos nos preços das *commodities*, o mercado, a partir da pesquisa Focus, ainda mantém em suas expectativas a taxa de juros Selic em 11% a.a. em 2010.

NÍVEL DE ATIVIDADE

O IBGE divulgou recentemente os dados relativos à produção industrial no mês de junho de 2010. Conforme mostra a tabela 2, a produção industrial sofreu retração de 1,0% na passagem de maio para junho do corrente ano, na série com ajuste sazonal. O comparativo entre junho de 2010 e junho de 2009, no entanto, aponta a expansão de 11,1% na produção industrial. Esse resultado mostra a recuperação do setor industrial em relação ao período ainda impactado pela crise financeira mundial.

Na comparação entre o acumulado de janeiro a junho do corrente ano com igual período do ano anterior foi registrado crescimento de 16,2% na produção industrial. Finalmente o comparativo entre o acumulado dos últimos doze meses contra os doze meses anteriores apresentou crescimento de 6,5% na produção industrial.

TABELA 2 – VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – BRASIL – JUNHO 2010

Período	Produção Industrial
Junho 10/Maio 10*	-1,00%
Junho 10/Junho 09	11,10%
Acumulado ano	16,20%
Acumulado 12 meses	6,50%

Fonte: IBGE

* Série com ajuste sazonal

Em relação às categorias de uso, a categoria de bens de capital apresentou retração de 2,1% na passagem de maio para junho do corrente ano, considerando a série com ajuste sazonal. No mesmo comparativo a categoria de bens intermediários registrou queda de 0,7% e a categoria de bens de consumo apresentou retração de 1,4%. Esses dados mostram uma redução no nível da atividade industrial brasileira na passagem

de maio para junho em praticamente todos os setores produtivos.

Entre maio e junho de 2010 todos os 27 ramos de atividade pesquisados registraram recuo. Entre os ramos destacam-se negativamente: material eletrônico e equipamentos de telecomunicações (-4,9%), máquinas para escritório e equipamentos de informática -11,6%), produtos de metal (-5,2%) e outros produtos químicos (-4,4%).

A tabela 3 apresenta o desempenho do emprego industrial em junho de 2010. Na passagem de maio para junho, ao contrário do que aconteceu com a produção industrial, houve crescimento de 0,5% no nível de pessoal ocupado; 0,3% de elevação no número de horas pagas e expressivos 3,3% de aumento na folha de pagamento real.

No comparativo entre junho de 2009 e 2010 os resultados são ainda mais positivos, apresentando elevação em todos os indicadores avaliados. Esses dados demonstram a recuperação do setor industrial brasileiro em relação ao ano passado, tanto do ponto de vista da produção quanto da geração de empregos e renda. No acumulado de 2010 os resultados também são todos positivos. Contrastando com esses números, o comparativo entre os acumulados dos últimos 12 meses registrou valores negativos para os três indicadores de emprego industrial, conforme a tabela abaixo.

TABELA 3 – INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA. BRASIL – JUNHO 2010

Variáveis	Variação (%)			
	Jun-10/Mai-10*	Jun-09/Jun-10	Acumulado	Acumulado 12 meses
Pessoal ocupado assalariado	0,5	4,9	2,4	-1,6
Número de horas pagas	0,3	5,7	3,5	-1,1
Folha de pagamento real	3,3	8,3	4,6	-0,1

Fonte: IBGE

* Série com ajuste sazonal

SETOR EXTERNO

O Brasil exportou em julho o equivalente a US\$ 17,7 bilhões, e o valor das importações no mesmo período foi de US\$ 16,3 bilhões. A balança comercial registrou superávit de US\$ 1,36 bilhão, e a corrente de comércio (soma dos valores das exportações e importações) registrada foi de US\$ 34 bilhões.

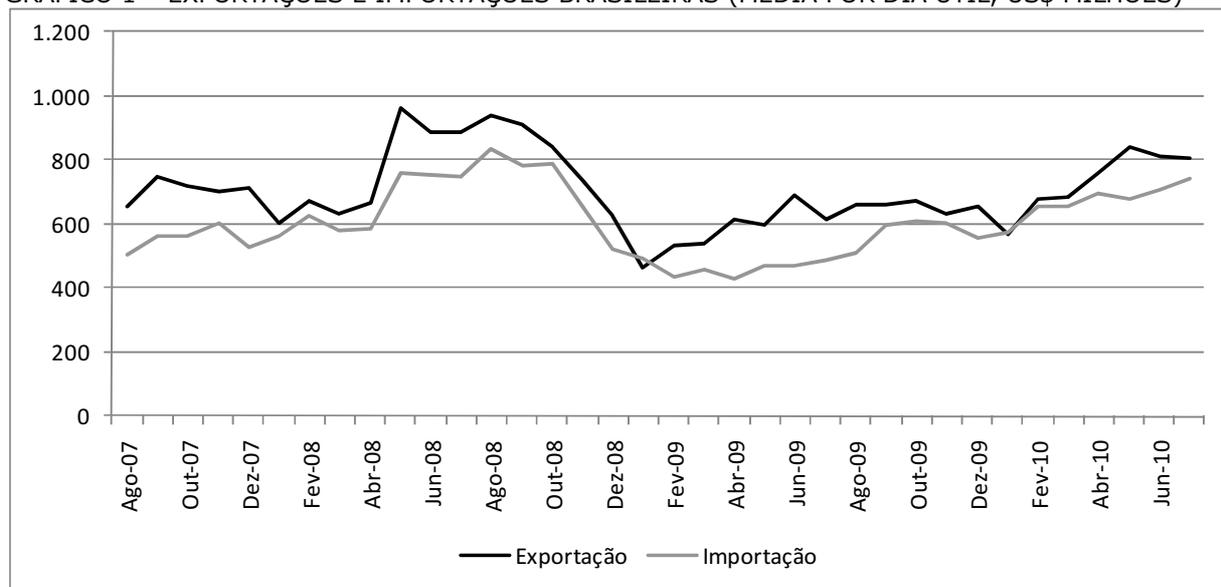
A média diária das exportações em julho foi de US\$ 803,3 milhões – 1,3% menor do que o valor registrado em junho, e 30,6% maior do que o registrado em julho de 2009. No caso das importações, a média diária registrada foi de US\$ 741,6 milhões – 5,1% maior do que em junho, e 52,1% maior do que em julho do ano passado.

O saldo comercial de julho equivaliu ao superávit de US\$ 61,7 milhões em cada um dos 22 dias úteis do mês. A cifra é 43,1% menor do que a registrada em junho, e 51,6% menor do que o valor correspondente a julho de 2009.

O gráfico abaixo exibe o comportamento do valor da exportação e importação brasileira, ajustadas para o número de dias úteis do mês, nos últimos 36 meses. Dele perceberemos a ascensão e o declínio da corrente de comércio de abril a dezembro de 2008, e um incremento (menos intenso do que o primeiro) dos fluxos comerciais de janeiro de 2009 até o mês passado.

De fato, de maio a dezembro de 2008, o valor exportado pelo país declinou a uma taxa média de 5,9% ao mês, e então aumentou em média 3,1% de janeiro de 2009 a julho de 2010. As variações médias correspondentes às importações nesses dois períodos foi de -5,2% e 2,3% ao mês, nesta ordem.

GRÁFICO 1 – EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS (MÉDIA POR DIA ÚTIL, US\$ MILHÕES)



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

As cinco principais categorias de produtos exportados em julho foram minérios de ferro não aglomerados (11,2% do valor exportado), grãos de soja (8,5%), minérios de ferro aglomerados (4,9%), açúcar de cana (4,8%) e óleos brutos de petróleo (4%). Os principais destinos da exportação brasileira no período foram China (18,4% do valor exportado), Argentina (9,2%), Estados Unidos (8,9%), Alemanha (4,3%) e Holanda (4,2%).

As cinco principais categorias de produtos importados em julho foram óleos brutos de petróleo (6,8% do valor importado), automóveis médios (2,2%), óleo diesel (2%), componentes de aparelhos de rádio e TV (1,7%) e hulha betuminosa (1,7%). Os principais países de origem da importação brasileira no período foram Estados Unidos (15,5% do valor importado), China (14,5%), Argentina (7,6%), Alemanha (7%) e Nigéria (4,6%).

FINANÇAS PÚBLICAS

O Governo Central arrecadou R\$ 61.462 milhões em junho de 2010, o que representa uma redução de 6,2% em relação ao resultado do mês anterior. Esse desempenho se deve à queda nas receitas do Tesouro Nacional (TN), que passaram de R\$ 48.725 milhões para R\$ 44.692 milhões no mesmo período. As receitas do Regime Geral da Previdência Social (RGPS) e as do Banco Central mantiveram-se praticamente constantes.¹

Em relação à arrecadação do TN, cabe destacar os decréscimos com as receitas do IRPJ (R\$ 574 milhões) e da CSLL (R\$ 333 milhões), além da queda de R\$ 1 bilhão com as demais receitas. Com esses resultados, a Receita Total líquida de transferências a estados e municípios encerrou junho em R\$ 50.481 milhões, 2,3% inferior ao registrado em maio.

A Despesa Total, por sua vez, caiu 4,2% em junho, encerrando o mês em R\$ 49.850 milhões. Destaque para a queda expressiva de R\$ 2.303 milhões nas despesas da rubrica Custeio e Capital.

No acumulado de 2010 até junho as receitas somam R\$ 399.083 milhões, o que é 16,9% superior ao observado em igual período de 2009. Novamente o TN tem destaque, ao apresentar crescimento de 17,4% em sua arrecadação. Em última análise esse desempenho se deve a recuperação da produção e das vendas da economia brasileira. As despesas também cresceram, destacando-se aquelas com Custeio e Capital, que aumentaram em 32,9%.

O resultado primário do governo central de junho foi superavitário em R\$ 632 milhões, contra um déficit de R\$ 518 milhões em maio. Essa recuperação proporcionou um superávit primário como proporção do PIB no acumulado do ano de 1,46%.

TABELA 4 - RESULTADO FISCAL DO GOVERNO CENTRAL - JUN/ 2010 (R\$ milhões)

RESULTADO	Mai/10	Jun/10	Var (%)	Jan- Jun/ 2009	Jan- Jun/ 2010	Var (%)
Receita Total	65.495	61.462	-6,2	341.357	399.083	16,9
Receitas do Tesouro	48.725	44.692	-8,3	258.392	303.326	17,4
Receitas da Previdência Social	16.582	16.580	0,0	81.965	94.658	15,5
Receitas do Banco Central	187	190	1,2	999	1.098	9,9
Transferências a Estados e Municípios	13.952	10.980	-21,3	64.664	69.158	6,9
Receita líquida total	51.543	50.481	-2,1	276.692	329.925	19,2
Despesa total	52.060	49.850	-4,2	258.153	305.092	18,2
Pessoal e Encargos Sociais	12.413	12.284	-1,0	72.137	78.191	8,4
Benefícios Previdenciários	19.171	19.359	1,0	103.241	117.254	13,6
Custeio e Capital	20.154	17.851	-11,4	81.021	107.686	32,9
Transferência do Tesouro ao Banco Central	96	95	-0,7	531	578	8,8
Despesas do Banco Central	227	261	15,2	1.222	1.384	13,2
Resultado Primário Governo Central	-518	632	-221,9	18.539	24.832	33,9
Tesouro Nacional	2.111	3.481	64,9	40.038	47.714	19,2
Previdência Social (RGPS)	-2.590	-2.778	7,3	-21.276	-22.596	6,2
Banco Central	-39	-72	81,9	-223	-286	28,1
Resultado Primário do Governo Central	-1.431¹	nd	-	1,24²	1,46²	-

FONTE: Dados extraídos do Resultado Fiscal do Governo Central.²

NOTAS: (1) Corrigido pelo ajuste metodológico e discrepância estatística, em R\$ milhões; (2) Como proporção do PIB, sem as correções referidas na nota 1.

A Dívida Pública Federal (DPF) registrou queda de 0,12% entre maio e junho, acomodando-se em R\$ 1.612,41 bilhões, dos quais 33,85% estavam atrelados a títulos com remuneração prefixada, 31,57% eram compostos por títulos remunerados pela taxa Selic e 27,71% por títulos remunerados por índices de preços.³

O prazo médio da DPF aumentou de 3,51 para 3,55 anos entre maio e junho e seu custo médio caiu 10,42% a.a. para 10,39% a.a. em igual período.

¹ Informações extraídas de: Resultado do Tesouro Nacional - Junho/2010. Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/hp/downloads/resultado/2010/Nimjun2010.pdf>. Acesso em: 17/08/2010.

² Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/hp/downloads/resultado/Tabela1.xls>. Acesso em: 17/08/2010.

³ Informações extraídas do: Relatório Mensal da DPF - Junho/2010. Disponível em: http://www.tesouro.fazenda.gov.br/hp/downloads/divida_publica/relatorio_jun10.pdf. Acesso em: 17/08/2010.



BOLETIM ECONOMIA & TECNOLOGIA
Informativo do Mês de Agosto de 2010

www.economiaetecnologia.ufpr.br



Carlos Eduardo Fröhlich. Bacharel em Matemática e em Ciências Econômicas pela UFPR. Supervisor do boletim de *Economia & Tecnologia*. Área de concentração: macroeconomia e economia internacional.

carlos.e.frohlich@gmail.com

Guilherme Ricardo dos Santos Souza e Silva. Professor do Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná. Mestre em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. Foco de estudo na área de Macroeconomia.

guilherme.ricardo@ufpr.br

Luciano Ferreira Gabriel. Mestre em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. Analista Pleno da FIEP (Federação da Indústria do Estado do Paraná) e Professor da UniBrasil. Colaborador do boletim de *Economia & Tecnologia*. Área de concentração: inflação e política monetária.

lucianofg@gmail.com

Rafael Camargo de Pauli. Mestre em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. Economista da Companhia de Habitação Popular de Curitiba - COHAB-CT. Área de concentração: finanças públicas.

rafaelcdp@gmail.com